

UM\_ como um *underscore* no diálogo virtual, escrito para um contexto físico. Convite imergir em anos de reflexão sobre desenho, pintura, vida, mundo. Retrato de inumeráveis abstracções no acto da criação. Ao lê-las sequencialmente, percebo como estão relacionadas, como o pensamento é um fluxo onde a fonte é a mesma. Visita espaços vários mas entende-os sob a mesma luz. Desenha meditar na mesma rede. São locais que vos deixo desenhados por conceitos (palavras) para aproximar-vos do não conceito (a pintura). É uma ponte que construo entre momentos, entre o Eu emissor e outro, receptor. Hoje, assim à distância entendo a lógica do percurso, a profundidade do caminho. Tudo se inicia com Lands Project, quando a abstracção de tudo passa pelo projectar paisagem, espaço independente daquele que associamos a paisagem, mas um captar do momento invisível entre momentos visíveis. Esta foi sempre a ideia, a missão. Trazer à evidencia aquilo que é o elemento estanque da existência, a impermanência. Nesse instante em que tudo se transforma e não se vê, eu, dentro da minha realidade, materializo-o na pintura, desenho e escrita.

Ramifica-se em capítulos que revelam períodos de Pintura-Ser. Aqui é o momento onde o principio é determinado mas o final ficará por escrever uma vez que está no domínio do Futuro por escrever, por desenhar, por viver.

## I \_ *Lands Project*.

(... ) O Desenho que projecta o desígnio dos Elementos. A ideia de uma mente disponível, vazia de qualquer conhecimento prévio, de um olhar contemplativo onde tudo se encontra pela primeira vez, a totalidade na acção, apreender o aqui e agora, um momento sem tempo, sem espaço, sem limites entre o que observa e o que é observado. Ser a mente silenciosa sem sujeito. Onde as coisas são inomináveis. O nome é o dedo que aponta, mas não é a coisa em si; é o que estagna e impede a evolução. O Nome é um conceito – acaba por ser uma rede confinada de conhecimento. Se eu conhecer pouco, verei pouco. E conhecer não pressupõe entender. Ao visitar imagens através do foco da minha intenção ou comparação, vou estar limitada ao cubículo da mente, sem tocar a essência das coisas.

O Verbo está lá para ser visto. Não tem nome: a proposta que pretende tocar a acção daquilo que nos circunda e redesenhá-la por intermédio do nosso olhar; a impressão, no sentido de ideia de paisagem; o projecto que permite a manifestação daquilo que a nossa ideia alcança; a Impressão *subtil* das coisas e dos ambientes que nos rodeiam.

Projectar algo, cocriá-lo numa arquitectura sem fim, nem objectivo. Movimentos circulares de constantes alterações onde a mudança não permite a estagnação. Tudo se transforma. Captar esses movimentos constantes e invisíveis e plasmá-los. São *frames* que de outra forma seriam imperceptíveis ao olhar. Dir-se-ia que não existem. São impressões invisíveis, tornadas visíveis.

Os materiais representativos da matéria subtil que se altera em constância, unem-se. À partida a convivência entende-se impossível, mas pelas suas diferentes presenças, pesos e ânímos, ocupam espaços e ritmos específicos numa conjuntura de cores, valores e texturas desenhando o devir, o projecto.

*Lands Project*, é um convite para testemunhar transformações ténues, constantes e cíclicas. Um deambular da visão e da consciência mais subtil que existe em nós. Uma *Impressão Abstrata* de ambientes, estruturas e práticas.

O subtil tornado visível, complementado pela expressão física do registo. [ 2013 ]

## II \_ LPPF\* | *Lands Project. Fade (out/in)*

O Desenho que traça destinos. Esta é a subsequência de um percurso que se patenteia interminável. *Projecto para Paisagem* revela agora a norma da perda. A matéria que se oculta aos nossos olhos. Na realidade, a constante impermanência e esse estado oculto, que acontece a todo o momento, mas ao entender-se imperceptível, suporíamos que não existe.

*Lands Project* mostra-nos fragmentos de ambientes antes de se dissiparem e se tornarem outros. São visões, que pela sua fugaz existência, nos fogem à compreensão evidente mas que sobrevivem e são o caminho para uma outra ocorrência.

Em música, *Fade*, é o momento em que o som se dissolve. Não declara que desaparece, mas sim, que se transforma noutro som não audível à nossa percepção. É o Lugar para outras geometrias e organizações. Comporta outras harmonias. Encobre disposições matemáticas, de sons que não se ouvem, e naturezas que se metamorfoseiam. Tudo abdica por mutação e não por ausência. A concordância dessa nova realidade só se torna necessária quando uma se renova noutra. Não temos presente essa impermanência, mas sabemos-la. *Fade* é o momento que antecede essa passagem. De uma veracidade para outra. É a oportunidade de presenciar o momento que antecede outra composição, outro plano. Se nos unirmos demasiado à imagem presente corremos o risco de não acolhermos a representação seguinte, mas ela sucederá, novamente em *Fade(in)*. É a beleza da inconstância. É o contínuo desvendar de passagens projectadas do centro para o Todo.

Linhas estruturais que se rebatem e nos confundem valores, como acontecimentos que nos alteram a quimera. Nada se encontra distinto e essa tentativa de desvinculação, só poderá trazer tumulto. Movimentos perpétuos de lugares inconstantes. Apartados de tempo-espço. Logo, sem medidas, apenas perenes instantes que se ocultam.

Cores feitas de riscos revelam *Lugares* esboçados que se confundem com outros códigos, e se expõem até onde o nosso espírito abarca. O Desenho com destino cria desígnios, onde tudo se inaugura vezes sem conta. Ele é o Verbo, inventa o momento, cria o *Lugar* que Tudo/Nada contém.

\* Luis Pedro Fonseca ou Land Project Fade [ 2014 ]

### III \_ *Micro-Selfie, ou a Ausência do Auto-retrato.*

*Micro-Selfie*, ou a ausência do *auto-retrato*. A desconstrução da acepção de *Selfie* por via da aproximação micro para um olhar macro. Uma demonstração da co-dependência entre escala e percepção. Personificação da micro complexidade universal cíclica, exemplo de uma estrutura sensível. Através dela materializa-se o mundo, o padrão e a repetição. É uma celebração habitada de rectas e curvas, na luz como na sombra, que se eleva na essência e se amadurece algures. De uma tridimensionalidade ilusória, tal como o corpo o é, entrega-se à sedução da não-linearidade. Desabriga a representatividade do concreto e submete a visão a outra escala, a da natural abstracção, a microscópica existência do Micro para o Macro e vice-versa. Esta é mais uma subsequência de *Lands Project*.

A ideia de que *sou* o que observo, edifica-nos um falso conforto, tal como uma imagem impressa nos patenteia a serenidade do conceito. Mas acontece que, ao nos aproximarmos, entendemos que tudo não passa de um conjunto de inúmeros pontos de cores separadas, sem que combinados apresentem qualquer limite ou história, e onde outrora existiam conceitos, existem agora manchas circulares que se confundem em planos sobrepostos. É o desconforto da desconstrução/construção permanente que nos organiza sem estrutura limitada.

As percepções cognitivas geradas pela visão da mente são apenas submissões e categorizações criadas pela mesma, são perturbações involuntárias e automáticas do processo de compreensão. Presenciamos o novo, adulterado então pelo intelecto que nos endereça tudo para o sabido como uma ideologia automática. É a mente vendo-se a si mesma.

Importa a noção onde não subsistem tais limites mentais, sem conceito. Qualquer volume é apenas, e ainda, o resquício da memória. Interessa relembrar o processo da constante impermanência, uma vez mais. Legitimar outra escala, outro facto, onde sobrevém outra prática da razão, uma outra perspectiva de inúmeros quadrantes com a possibilidade de co-criar uma linguagem sem idioma, onde Torres de Babel submergem.

Estas são composições também elas contaminadas, mas apresentam-se agora para que sejam contaminadas pelo *outro*. Não o que que existe no corpo, mas aquele que, no plano do saber inconsciente, depreende por osmose. Assim, no átimo onde a pura contemplação/acção existem em simultâneo, ocorrerá o acto criativo genuíno, a raiz da práxis abstracta, e não, a dominada reacção.

Este plano ténue, não circunstancial, é o instante onde todas as *Selfies* são uma, independentemente de quem o vê ou do que é visto, sem o “auto” individualizado, mas o todo unificado. [2015]

#### IV \_ *Lands Project. Empty of Separated Existence.*

Outro ciclo processual, a mesma lógica. *Lands Project* refaz-se uma vez mais confirmando a sua natureza. As obras não conhecem separação entre si e o todo, todas se pertencem e se movimentam livremente encontrando novas soluções relacionando diferentes realidades. O imperceptível regressa, tal como o desenho, o secundário, o oculto, a tentativa, o transitório, o instável e a série. Uma nova extensão intelectual, onde se assiste a tais ocorrências, é reclamada novamente. É pedido um indigitamento à eupatia onde a respiração consciente legitima o padrão inspirando nova ordem. Revelam-se analogias ocultas nas assimetrias e irregularidades fractais, nos traçados e nos alçados. Conjectura-se um manifesto à mente abstracta onde a imperfeição é associada ao momento de transformação. A pintura vive da aceitação de imperfeições. A inevitabilidade essencial do desenho mental é transferido para o conceito morfológico da pintura criando o desconforto ilusório da falta, a sensação do vício ou a ideia de “já se conhecer” a *práxis*.

Convoca-se então o ver inclusivo de um conhecimento que não opera no constrangimento do tempo, mas do todo ligado, que existe para além do visível integrado no ‘não-tempo’. Para aceder a essa outra percepção é indispensável reservar um período para a contemplação/meditação.

O Tempo que pronuncio para a observação é o requerido para o alinhamento entre a compreensão que se usa e um novo entendimento. A simplicidade dos movimentos que deixam rastros, à partida imperfeitos uma vez que não pertencem aos valores conhecidos respeitantes ao mundo acelerado, necessitam tempo, humildade e desapego, para serem notados. A pintura pede esse momento, esse espaço, para descobrir o belo na sua imperfeição. Quando pronuncio *belo* não me refiro a nenhum conceito Ocidental, “*essencialmente retiniano*”, que não exige vez nem permite que ela passe convocando para si só a fracção drenante e desordenada das emoções. Refiro-me ao necessário para apreender o *ensaio* combinado de imperfeições, que acolhem outra veracidade estética, aparentemente de carácter livre, mas que busca em si, regras intemporais. Toca-se o Verbo com o olhar.

Por instantes a vista tem acesso à fisicalidade geométrica produzida por manchas e formas processuais que nos mostram outros factos possíveis, que nos decretam um compromisso abnegado para que o ciclo ocorra como a revelar campos magnéticos carregados de seriação.

Nasce, para a nossa visão, um espaço onde a luz converge e toca a sombra, ciclicamente, replicando esse movimento fadário. Irrompem-se campos bidimensionais para fugazmente conquistarem a tridimensionalidade, como a almejar criar-se a si mesmo, sem atravessar o Criador. É um momento de rebelião onde não se intenta honrar a premissa processual.

Toda esta aparente complexidade esconde singeleza de espírito, uma natureza simples, uma repetição, uma evidência que só se revela a almas amotinados pela frescura. Tudo se reorganiza uma outra vez, são ciclos sem fim tal como sem início, continuados, entidades sem tempo em lugares sem espaço. Dir-se-ia que não existem, não fosse o lastro tridimensional do *pronto*. A Eterna busca. Um Nada Sem fim vazio de uma existência separada. | 2016 |

## V \_ *Empty Drawings.*

O Desenho como um encadeamento de ideias que se corporizam. Engendram-se construções de linhas infindas com forças diversas e de carácter antagónico que convergem rompendo os limites do espaço. Não existe divisão nesta presença. É vazio dela. A ilusão de uma edificação desunida é recusada nesta relação de existências. Tudo se relaciona entre si, fora e dentro, como um infinito projecto. Se existe, logo, pertence. Se pertence, é. Se é, é Desenho, logo, vive vazio de entidade separada.[2016]

## VI \_ No Thing \_ *não coisa* [ *connu sous le nom de peinture* ]

*Não coisa*, conhecida pelo nome de Pintura. Conversemos de *coisas* para alcançar as *não coisas*. A precipitada mente atribui à materialidade o título de *coisa* tal como o não-nome dá lugar à *coisa* também. O plano da existência física da *coisa* lega-lhe mobilidade e visibilidade provando a sua existência, dizendo que existe, logo é, mas essa confirmação resigna-se quando a não função, não subjugação, não utilidade e não reprodução lhe exige a independência de carácter da *não coisa*. O ser humano, corpo-matéria, que se transporta do ponto A para B, a matéria, corpo, coisa, veste em si uma trindade omitida, não mensurável, sem forma, que lhe atribui uma outra extensão, a dimensão da *não coisa*. Ele existe, mas não é coisa. Ele reproduz-se no plano físico, mas não tem cópia. Não há cópia que o patenteie. Há uma trindade que lhe pertence que o arreda da coisa. Pensemos pintura igualmente segundo essa trindade, algo que contém três «alguéns», Corpo, Mente e Espírito [1x1x1=1]. Sem se comparar seja a que for, logo sem “a favor” ou “contra”, nem sendo a minha ou de outro, é Pintura.

[1] *Corpo* ou matéria que forma o suporte e lhe permite a mobilidade dentro do espaço-tempo que o objecto segura e que permite, pela sua aparência táctil, reconhecê-lo e enquadrá-lo num qualquer local. Matéria, o corpo que a admite, o suporte que aprova possibilidades inesgotáveis. Corpos médiuns, composições que se relatam na cor, secos riscados e molhados arrastados, ora diluídos, ora sólidos reais de abstracção. O corpo do que faz, a manufactura, o saber-fazer, não podem ser subestimados, é deste modo que a obra se substancia, mas também não pode ser motivo de interesse primeiro. Ela faculta-nos a oportunidade visual de assistir à sua correspondência e permite ao autor o poder de recriar, que é, passar para o plano material a criação de algo que se passou noutra lugar em si. O tempo altera a matéria – forma através da deterioração, mas a essência é intemporal. No plano invisível, não palpável, se algo existe dependente de uma insubstituível presença, mesmo física, o plano da *coisa* é alterado para uma *não coisa*. É como um Ser que É para além da sua matéria. Erige-se numa outra dimensão.

[x1] A *Mente*, aquela que produz, cria o conceito que se reflecte no acto, antes, durante e após a acção onde se reúnem sentenças. O mental serviu-se do corpo cárnico do autor, da substância suporte e da plasticidade concreta. São serventes. Vigie-se a mente para atender e entender o seu papel. Uma mente desviada segue a personalidade e as emoções, não toca o nada que a obra exige para acontecer. É nesse instante que se arrisca perder tudo, quando a mente ludibria e ambiciona servir outros propósitos, pactos sociais, vaidades, receitas já provadas, entendimentos submetidos a terceiros e tristezas próprias, ao *eu*. Um isolado *eu* que abandona a matriz e passa a “dar erro”, como uma espécie de vírus informático que corrompe ficheiros e se perde resumindo-se a uma versão subjugada de si. Passou de criador a criado. Não desprezemos também a mente que vê – o colectivo que lê a obra segundo a época e a cultura e reflecte sobre a matéria exposta a seus olhos. Observa através de questões particulares ou sublimes. Também ele se pode perder nas suas teias de sentenciador que obedecem a outros. Na realidade é no corpo da mente que tudo se pode perder e tornar-se *coisa*. Ao nos deixarmos controlar apenas e só por ela, ficamos reduzidos a sobreviventes, escravos desligados da nossa imensurabilidade. Passamos a corpo que se transporta e move, falido em reconhecer a sua exclusividade, consumindo-se na tentativa de ser cópia de outro.

[x1] *Espírito*, essa eternidade que reside dentro do *nós-matéria*. O Espírito da obra, pintura, princípio absoluto que possui três naturezas. A/o autora/o quando toca a substância com o seu corpo físico, coloca a mente ao serviço do nada e é a ética que faz revelar o génio da autenticidade e unicidade do espírito, renovando o momento ascenso. É a sua natureza ilimitada que serve de condutor ao alto. O que advém não torna a ocorrer, é um momento singular de existência que só pode emergir daquela/e que se colocou no acto da criação do momento, prescindindo de si. Nessa altura surge outra tríade – a/o *ela/e*, que se une ao *eu* (autor/a), e ao *tu* (Pintura). O *ela/e* é o que se sabe não nosso, para além do racional e do conhecimento próprio. É uma sabedoria que se encosta e nos trespassa, mas não nos pertence. O Cosmos revela-se sem palavras, são gestos inconscientes não controlados pelo *eu*, e é nessa conjuntura que surge a *não coisa*, ultrapassou a materialidade, a reprodução e serventia da *coisa* e exalta a sua existência plena. Falamos de Verdade, Regra Única, essa é a Essência contida no terceiro elemento da pintura, o Espírito. Quando tal acontece o espectador sabe. Sabe-o por vezes apenas por instinto. Não se explica o encontro com a obra, é-se arrebatado como o/a autor/a o foi, e relembra, também ele/a, a sua imensidão. Não há meio termo em Ser. Aprende-se a aceitar o momento, mas não se aprende a compreendê-lo. Quando os olhos do outro *ele* – público –, encontram o outro Ser – obra –, a *não coisa*, no imediato reconhecem-se ou então serão desconhecidos para sempre. Intelectualmente podem ver-se, mas não na sua alma.

[=1] *Trindade*, que pertence ao código essencial das *não coisas*. É a matriz, divina proporção subliminar que forma tudo, natureza, fauna e flora, corpo Humano, ADN... expandindo-se até ao mais longínquo local. Rede gestativa do eterno das *não coisas* que estrutura a unidade permanente do Universo. Razão revelada em movimentos circulares até ao infinito, precedendo movimentos rectos, incluídos no rectângulo áureo, onde a beleza exalta a configuração abstracta do todo. Descobrir os princípios pelos quais os xamãs sempre se regeram. A estética existencial nascida da ética universal eterna. Não podemos reproduzir Pintura, podemos inclusive conferir-lhe um código QR como a qualquer outro produto, mas não a torna reproduzível por se representar no plano virtual quadriculado, remetendo à ideia de matriz. A música é talvez a *não coisa* que reproduzida não perde a essência. Porventura por se tratar de uma “cópia” etérea, que por não ser física, se retoma no plano imaterial. Mas outras cópias são impressões, no sentido efectivo e figurado. A impressão da Lua não é a Lua em si, a impressão de uma obra, pintura, não é a pintura em si, são duplicados. Falta-lhes trindade mais do que tridimensionalidade. Entes diferentes. O zelo na sua preservação e deslocação, aquele que pede luvas de algodão de imaculado branco, no sentido físico, mas acima de tudo conceptual, proferem que a sua candura deverá tocar bondosamente tudo aquilo que é imperecível, autêntico e único – as *não coisas*. Tendências, tecnologia e contemporaneidade não modificam a metafísica da fonte, não metamorfoseiam água, ar, fogo e terra, não adulteram a abstracção do amor, a fisicalidade do nascimento ou o despojo do corpo quando morre. As árvores permanecem de pé, crescem na vertical, respiram e mantêm identidade ímpar. Assim permanece a Pintura, de pé, singular, única. Se julgarem a Pintura morta, eu declaro “as *não coisas* nunca morrem”. [ 2018 ]

## VII \_ NO THING \_ act II \_ *Analog-Digital, the Conceptual Summit in Painting.*

*Não coisa*, conhecida pelo nome de Pintura, consequência do *génio de Trindade* que a bane das coisas. Volto a perseguir esse pensamento aflorando outros conceitos: o Analógico e o Digital, o corpo da obra como superfície de acção e reprodução. Dentro dessa inscrição reprodutiva existem essas duas relatividades que vou utilizar como medidas de percepção. Não associo, no imediato, a pintura a esses conceitos, porque me interessa apresentá-los e meditar nos mesmos, mas noutra conjuntura, a do som e imagem e de como se manifesta a sua captação e registo. Desta forma distanciámo-nos para ver melhor.

O registo analógico revela-se através de uma onda contínua que varia em função do tempo e opera em linhas curvas. O seu sinal trafega por uma faixa de frequência muito ampla e os seus valores são infinitos, tocando todos os extremos decimais que um número pode conter. O registo digital é menos complexo. Os seus valores têm menos amplitude no tempo e a sua faixa de frequência só varia de zero a dez, sendo que o seu sinal apenas assume valores inteiros, arredondando as décimas. A sua representação é organizada em linhas rectas e cortadas.

Pensemos agora no domínio do som. A captação analógica da voz ou do instrumento é registada tal como é, contendo todas as suas ínfimas nuances, diferentemente do digital, que pega no som em partes, partes essas convertidas em valores inteiros, quebrando-o e juntando-o, para captar e registar mais facilmente. É formada também uma onda, mas é arquitectada por rectas quebradas que se juntam em pontos. Aparentemente, o “sumiço” de informação é muito ligeiro, mas na realidade a subtilidade que caracteriza a autenticidade do registo é perdida. O digital facilita a reprodução e o apagamento do erro através do corte oculto, mas ao fazê-lo corrompe a essência para sempre.

Quando falamos no domínio digital da imagem, a informação é registada em pixéis que contêm cores CMYK, cuja forma é quadrada e converte a cor numa outra aproximada da original, fruto da limitação do registo que, ao reproduzir-se, perde as subtilidades da cor, mesmo que se recorra ao *Pantone*, as chamadas cores directas, que são mais aproximadas do original. Na captação da imagem analógica, originária do período Renascentista, o registo é criado por meio da acção da luz, aplica-se à fotografia e ao cinema. A limitação é muito inferior uma vez que o seu registo se fundamenta na sensibilidade e na sua captação. É concretizado quimicamente através de saís de prata que retêm uma plasticidade e flexibilidade sensíveis à exposição da luz afim de captar as subtilidades da realidade.

Regressemos à pintura como interpretação comportamental analógica nas artes plásticas. Aquando da necessidade de reprodução e o converter em digital, a sua complexa essência perde-se em formas aparentes. Reconhece-se novamente que a sua Trindade existe porque a sensibilidade da sua essência não permite a sua reprodução. Ao capturar uma pintura em fotografia digital sabemos que não é a *pintura em si*. A sua reprodução, de valores inteiros, perde a autenticidade. Cria uma outra realidade da obra que é válida para outros fins, mas o princípio original já não se encontra lá.

Acedo apreender essas hipóteses de conversão da informação de “manchas analógicas” em réplicas digitais plásticas, quebradas por rectas que duplicam cubos, quadrados que inscrevem círculos e círculos gigantes carregados de universo que se decompõem ao serem circunscritos em quadrados novamente. Unifico o seu conjunto simulador de fidelidade e emprego-lhes outra dialéctica. Essas reminiscências digitais que vão aparecendo, sem saberem são aliciadas a ser pintura. Usadas como inscrição plástica são a quadratura do círculo que servirá as duas verdades congeminantes, e, em simultâneo, os elementos entreajudam-se no entendimento da percepção oculta da existência. Uma recta nunca poderá conter toda a informação de uma curva, mas a sua presença e representação visível torna-se aqui estrutural no descodificar da construção divina. É como se a pintura essencial, que aqui é alegada como analógica, se deixasse dominar na sua complexidade e por momentos se solucionasse numa *quadrícula*



*Platónica* de inesperados “pixéis” que inteiram valores complexos da cor, convertendo-a numa só, cingida num quadrado, sem se retirar. Nem o receio de ser descoberta no seu embuste informático a demove. Ao permanecer averbada no suporte que é a obra, a pintura submete-se a essa invasão de formas quadradas e rectas quebradas e converte-as em *virtude* e consente que uma outra verdade a signifique. A **Trindade** continua lá, mas aproveitou o teste de ser desacreditada na sua eternidade e converteu-o num seu aliado para se elevar, perpetuando-se como pintura. **Pintura**, a *não coisa* que não perece. | 2019 |

## VIII \_ [ OO ]\* #01

Outra conjuntura onde o estado fundamental de percepção do mundo, há muito sabido, agora tem origem indivisível. Sistema não binário é SIM ilimitado, fenómeno de *superfluidéz*. Assim é a natureza desta obra. Um corpo simples e não misturado que não pode ser feito de outro corpo.

Número inteiro como regra. Padrões estruturais, formas de onda tridimensionais. Princípio da Certeza. Luz branca consequência de linhas espectrais. Sol. Corpúsculo. Essência no seu essencial. A força reside na vulnerabilidade de Ser. Matéria que pertence aos 4% de densidade do Universo observável. Quer olhos próximos para ser experimentada, tacteada com os todos os sentidos até ao centro. Momento magnético. Pormenores em si completos que pertencem ao TODO-Matriz. Partículas elementares que possuem uma propriedade quântica intrínseca. Interação com *Spin* própria. Natureza inteira que cria a unidade da obra. Eco de plenitude, *layers* de eternidade onde a arquitectura, outrora imperceptível agora é manifesta luz. Os detalhes são os átomos da obra. Átomos de Carbono sólido que existem enquanto grafite ou diamante. Zero absoluto de efeitos quânticos só observados e visíveis a uma escala macroscópica do espírito. A sua massa tem o centro de matemática pensada, 1.36x95cm, que ao multiplicar-se por 2 resulta na equação [1+1=UM]. Molécula diatómica, díptico. Afastados são completos, juntos são totais. Carácter singular. Assim é o seu verbo. Unidades que não podem ser divididas de forma arbitrária. Duas obras singulares em par formam UM [...] \*

\*Omissões de partes na transcrição real da obra (ciclos infinitos).

Susana Chasse 2021